



GOMES, Eustáquio. Memória da cidade se perde e reforma do Museu não sai. Correio Popular, Campinas, 28 jan. 1982.

## Memória da cidade se perde e reforma do Museu não sai

Eustáquio Gomes

Telhas quebradas, calhas entupidas, janelas e portas danificadas e o madeiramento comprometido pela ação dos cupins. O assoalho do primeiro andar está recoberto de pó de madeira, resultado do trabalho dos cupins, e todas as amplas salas do edifício de três pavimentos apresentam sinais de contínuas inundações por água de chuva. Apesar disso, as extensas escadas em caracol e as paredes recobertas de mármore ainda mostram vestígios do antigo esplendor do prédio que um dia sediou a extinta Companhia Mogiana de Estradas de Ferro, e que agora devia sediar o Museu Campos Salles.

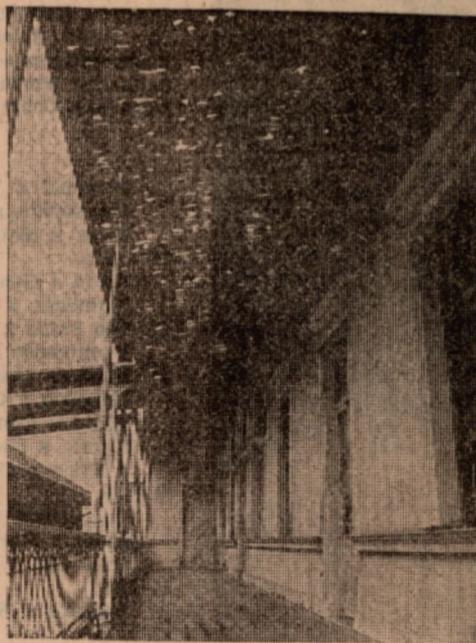
Nomeada diretora do Museu há dois anos, com o fim de instalá-lo, a cantora lírica Niza de Castro Tank luta desde então para que seja feita a reforma do prédio, de acordo com convênio assinado entre a Secretaria de Estado da Cultura e o prefeito Francisco Amaral. O museu não só funcionaria como um centro de preservação do acervo relativo a Campos Salles, como também cuidaria de preservar a parte mais substancial da memória de Campinas, dispersa por vários museus menores da cidade, quase todos tecnicamente despreparados para tal.

"O convênio prevê que à Prefeitura cabe a reforma do prédio", esclarece Niza de Castro Tank, "após o que a Secretaria de Estado da Cultura se compromete a instalar o museu e mantê-lo em funcionamento". Logo após a assinatura do convênio, a Prefeitura alegou falta de verbas para a reforma — embora, pouco depois, o próprio Amaral tivesse se prontificado a reformar o antigo estádio da Mogiana.

### O PASSADO SE PERDENDO

Segundo Niza, mesmo ainda não efetivamente instalado, o Museu Campos Salles continuamente recebe ofertas de acervos — particulares ou não. Por falta de condições técnicas de preservação, o Museu tem-se absteído de recebê-los. Abriu-se uma exceção para o piano e a musicoteca da pianista Estelinha Epstein, falecida há dois anos.

Entretanto, precioso material do espólio de Campos Salles está sendo carcomido por traças no Centro de Ciências, Letras e Artes, enquanto o Museu "Nove de Julho", precariamente instalado num velho edifício situado no interior do Bosque dos Jequitibás, continua fechado. No mesmo prédio do Bosque, peças de valor incalculável como uma liteira do tempo do Império, o fardamento do Marquês de Três Rios e uma coleção de quarelas de José de Castro Mendes — além de inúmeras peças que continuam amontoadas sem critério algum —, se deterioram sob a ação da unidade e do tempo.



O edifício está sendo atacado por cupins e sofre a ação do tempo e das intempéries.

### UMA ESPERANÇA

A história da instalação do Museu Campos Salles é uma seqüência de dribles administrativos e de desinteresse cultural. Mais de quatro administrações estaduais e municipais passaram ao largo do projeto original do ex-deputado Sólton Borges dos Reis, que o instituiu. A absoluta falta de apoio político ao projeto provocou, há três anos, a renúncia do historiador Celso Maria de Mello Pupo do cargo de diretor. A entrada da cantora lírica Niza de Castro Tank pouco alterou a ordem das coisas.

Niza, entretanto, chegou a manter no ano passado uma série de reuniões com o Conselho das Entidades de Campinas, cujo presidente é o sr. Ruy Rodrigues. São 40 entidades socialmente resistentes — Lins, Rotarys, etc. —, mas que, face ao desinteresse municipal, parece ter retirado o problema de sua pauta de prioridades. Sabe-se que a Prefeitura fez uma proposta ao Conselho: desde que a comunidade entrasse com o material necessário para a reforma, a municipalidade entraria com a mão-de-obra.

Para levantar fundos para a aquisição do material, o Conselho se dirigiu, mediante circulares, a centenas de empresas locais. Segundo Niza, possivelmente em começos de fevereiro as esperanças se renovam: ela e o Conselho vão se reunir para fazer um levantamento completo dos recursos obtidos até agora.